

Rotas de livreiros e seus Almanagues: intercâmbios luso-brasileiros nos circuitos do impresso.

DÉBORA DIAS¹

Nem todos os Almanagues cearenses foram impressos em tipografias locais. Os motivos terão sido diversos: custos mais baratos de impressão, a experiência da casa editora com o gênero, facilidades no contato com a editora, ou a combinação de todos eles. Este parece ser o caso do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, impresso nas oficinas da Parceria Antônio Maria Pereira, em Lisboa. Ou melhor, como o próprio traz: “Oficinas Tipográfica e de Encadernação movidas a eletricidade”².

Nas páginas da publicação, o Ceará se afirma em imagens, dados geográficos e estatísticos, endereços e nomes dos municípios do Interior e da Capital. Em paralelo, a Livraria Araújo, proprietária do Almanague, com sede no Centro de Fortaleza, divulga seus autores e livros à venda, ampliando sua rede de contatos não apenas comerciais.

Outros e diferentes títulos de Almanagues vinculados a casas livreiras correram o Brasil no fim do século XIX e começo do século XX. Em comum, a possibilidade de comunicação direta da livraria com seus leitores. O *Almanach Bertrand*, da livraria *Bertrand* de Lisboa, o *Almanach Brasileiro Garnier*, da Livraria e Editora *Garnier* do Rio de Janeiro e o *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado na Livraria Americana, no Rio Grande do Sul, são títulos de grande circulação, lançados antes e durante 1908³, ano do *Almanach dos Municípios* do Ceará.

Os livreiros sabiam aproveitar as vantagens do gênero, cuja boa aceitação é

¹ Débora Dias, mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, graduada em Comunicação Social – Jornalismo, pela mesma instituição. Pesquisa realizada com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (Funcap).

² *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*. Lisboa: Oficinas Typographica e de Encadernação da Parceria Antônio Maria Pereira, 1907. Exemplar consultado no setor de Obras Raras da BPGMP (CE).

³ Entre os Almanagues de livraria do período estão títulos de diferentes locais do Brasil e Portugal: *Almanach Bertrand* (1899-1969), fundado pela livraria Bertrand, em Lisboa, possuía no ano de 1902 tiragem de dez mil exemplares, com tiragem especial em papel couché de sessenta exemplares; O *Almanach Brasileiro Garnier* (1903-1914), da Livraria Garnier, Rio de Janeiro; *Almanach Uberabense* (1902-1909), editado pelas Oficinas Tipográficas e Libreria Século XX, Uberaba (SP); *Almanach Popular Brasileiro* (1894-1908), editado em Pelotas (RS) pela Livraria Universal; *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1889-1917), editado pela Livraria Americana, cidade de Rio Grande (RS). Informações obtidas nos acervos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Fundação Biblioteca Nacional e Instituto do Ceará.

demonstrada em tiragens que podiam ultrapassar facilmente a casa do milheiro, número considerado alto se comparado a edições de livros do período⁴. Exemplo da grande tiragem de 20 mil exemplares anunciada pelo *Almanach Popular Brasileiro*⁵, produzido pela Livraria Universal, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, para o ano de 1903.

Espalhados por diferentes pontos do Brasil, os exemplares do *Almanach Popular Brasileiro* promoviam os títulos editados pelos proprietários da livraria Universal, *Echenique Irmãos & C*, divulgados tanto na seção de anúncios, como entre os textos da edição. Alguns livros mostram público definido: “*Novo cambista portátil*”, “*obra indispensável aos comerciantes, guarda livros, corretores, bancos, etc*”⁶. Outros estão em sintonia com conteúdos do Almanaque: trazem brincadeiras para as festas dos santos juninos, jogos de charadas, logogrifos e arabescos ou repertórios sobre xadrez, dama, víspera e dominó. Livros destinados “*aos dois sexos*”, como ressalta o Almanaque:

O PROFETA INFALÍVEL

Livro inteiramente novo e consagrado aos dois sexos – contendo além de charadas, logogrifos, arabescos e uma interessante série de gracejos (...)

LIVROS DE SORTES

Santo Antônio, S. João e S. Pedro

Indispensável a todos quantos desejarem passar em plenas alegrias noites festivas.

O LIVRO PRODIGIOSO

Magnífico repertório de esplêndidas diversões (...) Jogos de Víspera, Dominós, damas, Xadrez, etc⁷.

4 De acordo com Hallewell, a Livraria e Editora Garnier, uma das maiores casas do ramo no País, instalada no Rio de Janeiro, não ultrapassava a casa dos mil exemplares por edição de livro no fim do século XIX. O autor diz que mesmo esse número é considerado maior que o de outras editoras latino-americanas com mercados menores - como o México e Chile - e até para os padrões europeus do período. (HALLEWELL, 2005: p.220).

5 *Almanach Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Pelotas: Oficinas da Livraria Universal, 1901. Organizador Alberto Ferreira Rodrigues. Acervo IEB.

6 Idem, p.I.

7 Idem, p.XIX.

Além das publicações próprias, o *Almanach Popular Brasileiro* apresenta títulos de outras editoras vendidas na Livraria Universal, como a Francisco Alves, Garnier e Laemmert, fazendo a divulgação das casas comerciais e dos autores. Os anúncios de livros e outros artigos – cerveja, bancos, oficinas, medicamentos, armazéns – são valorizados pela circulação ampliada do Almanaque e a periodicidade anual, trunfo bem aproveitado pelos livreiros, como no chamado de Echenique Irmãos & C:

Desnecessário esclarecer a utilidade do anuncio numa publicação como esta, de consulta constante durante um ano e cuja distribuição se faz por todo o Brasil, Rio da Prata, Pacífico, Portugal e Colônias Portuguezas da Asia e Africa⁸.

Mais importantes do que anúncios, os Almanques ofereciam aos livreiros a oportunidade de ampliar o raio de contatos intelectuais e comerciais ao longo do ano. É recorrente a esses livrinhos receber e publicar colaborações, formando laços com seus leitores, aumentando a influência da livraria na vida cultural das cidades.

Assim também é o caso do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, editado pela Livraria Araújo, em Fortaleza. Com informações e colaboradores vindos da Capital e de diferentes cidades do Interior, a publicação propõe-se a descrever os municípios cearenses com “*as suas riquezas, a sua indústria, o seu comercio, a sua lavoura, as suas artes, as suas cousas e os seus homens*”⁹. A um só tempo, o livreiro Antônio Ildefonso Araújo fortalecia os vínculos com os leitores, público de sua livraria.

Além da Capital, espalhou o Almanaque por, pelo menos, trinta e sete pontos relacionados na própria publicação: Assaré, Acaraú, Aracati, Baturité, Barbalha, Beberibe, Benjamin Constant, Cascavel, Coité, Crateús, Canindé, Camocim, Crato, Entre-Rios, Itapipoca, Ipu, Ibiapina, Jardim, Jaguaribe, Lavras, Milagres, Massapê,

8 Idem, p.XXVI. Nessa edição, o Almanaque informa aos futuros anunciantes a tiragem de 20 mil exemplares para o ano seguinte, assim como os locais de distribuição. Entre as publicações divulgadas pelo almanaque e vendidas pela Livraria Universal está a revista *Ilustração Brasileira*, editada em Paris. Traziam ainda anúncios de livros dos editores Laemmert & Cia (com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife), Francisco Alves (com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas), H. Garnier (Rio de Janeiro), Grande Livraria Paulista (São Paulo).

9 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.2 da apresentação, s/n. Primeiro ano da publicação, ou como diz na apresentação, “primeira tentativa”. Não há informações sobre a forma de distribuição, mas pelas características físicas e de conteúdo, provável que a publicação era ofertada aos clientes e amigos da Livraria.

Paracuru, Pacoti, Pereiro, Quixadá, Quixeramobim, Sobral, São Mateus, Santa Quitéria, Sant’ana, Soure, São Benedito, São Francisco, Trairi, Várzea Alegre, Viçosa¹⁰.

O formato de pequenas dimensões, 16 centímetros de altura por 11 de largura, encadernado, contribui para um trânsito facilitado pelos municípios do interior do Ceará. O *Almanach* poderia estar à mão ao longo do ano, oferecendo leitura diversa, desde poesias a charadas, dados sobre as cidades a serem consultados, imagens que serão guardadas e colecionadas. Araújo, como outros livreiros, entendeu esse potencial¹¹. Tanto que inseriu nas últimas páginas do Almanaque o Extrato do Catálogo da sua livraria, uma relação com 329 livros disponíveis para aquisição dos leitores, ponto que será abordado adiante.

De Fortaleza, Araújo vendia impressos para outros pontos do Ceará e editava obras de autores locais. Na cidade-capital, com pouco mais de 50 mil habitantes no início do século XX, mantinha uma das cinco livrarias em funcionamento, todas no Centro¹², e um dos poucos estabelecimentos que editava livros. Católico praticante, o editor livreiro convivia com escritores e editava autores que nem sempre estavam de acordo com sua orientação, numa relação amistosa, mas não isenta de conflitos¹³.

O momento era de embates no campo das ideias desde a segunda metade do oitocento. Entre tradicionalistas católicos e progressistas ou cientificistas, as disputas ganhavam o Liceu e a Faculdade de Direito. Doutrinas naturalistas de *Lamarck* e *Darwin*, a filosofia positiva de *Comte*, o monismo de *Haeckel*, o evolucionismo de *Spencer* chegavam às rodas de conversa da Livraria, oferecendo combustível às

10 Relação dos informantes e colaboradores do Almanaque, por município. Idem, p. 277-284.

11 A estratégia de inserir catálogo de livros é vista no *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado pela Livraria Americana. A livraria oferecia aos leitores do Almanaque livros com “bônus”, isto é, as primeiras encomendas não estariam sujeitas às despesas de expedição. O leitor escolheria o livro no *Catálogo dos bônus do Almanak*, enviando o pedido e o pagamento pela encomenda. *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1910*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a, p.295.

12 Estão registradas, além da livraria de Antônio Ildefonso Araújo, as de Antonio da Justa Menescal (Praça do Ferreira, 6), Estevão Rubim & Cia (Praça do Ferreira, 10), Militão Bivar & Cia (rua Major Facundo, 74), Satyro Verçosa (rua Major Facundo, 51). *Almanach do Ceará para 1905*, Fortaleza: Empresa Typográfica, p. 132.

13 Depois de editar “Psicologia do Direito”, do amigo e cliente Francisco Alves de Lima, soube que a obra defendia princípios anti-religiosos, anti-espiritualistas. As ideias avançadas teriam sido o motivo para o rompimento definitivo entre os dois, após longa e acalorada discussão. O episódio é narrado pelo próprio Alves de Lima (MONTENEGRO, 1952: p.70).

acaloradas discussões¹⁴. No espírito da experimentação das novas leituras, moços dados às letras lançam em 1906 a *Fortaleza – Revista Literária, Filosófica, Científica e Comercial*, que podia ser assinada no balcão da Livraria Araújo¹⁵.

Oposicionistas ou governistas, católicos ou evolucionistas, amantes dos livros. A livraria é um dos espaços de convívio desses personagens, como afirma a memória do ex-caixeiro da Casa, Teodoro Cabral:

A Livraria Araújo era o centro de reunião de nossos intelectuais. Lá se encontravam, diariamente, professores da Faculdade de Direito e do Liceu, literatos, estudantes e quantos amigos dos livros. O ponto de reunião era conhecido pelos mais íntimos pelo nome de **Cenáculo**¹⁶.

O fundador e proprietário, Araújo, era “a alma da casa”, reunindo o atributo e a vocação de livreiro: “*Não apenas sabia pedir os livros mais convenientes, como sabia atrair a freguesia, a simpatia e estima dos intelectuais da terra*”¹⁷. Intermediava relações e ampliava a freguesia, facilitando, dividindo o pagamento em prestações. Foi assim com Joaquim Pimenta¹⁸, que em sua memória de juventude, chegado do município de Tauá para estudar e trabalhar em Fortaleza, relata o auxílio que o livreiro prestou:

Com vagar fui ampliando o campo de minhas atividades pedagógicas. Aulas de latim a dois rapazes vizinhos e ricos. Por intermédio do proprietário da Livraria Araújo, a quem havia comprado, à prestação de cinco mil réis mensais (*5\$000*), o Dicionário de Aulete, que ainda

14 Como reforça o pesquisador João Alfredo Montenegro: “era tensa a convivência dos espíritos numa sociedade profundamente vincada pelo confronto entre tradicionalistas e cientificistas (positivistas e evolucionistas). Esses últimos oferecendo roupagem nova ao liberalismo”. (MONTENEGRO, 1996: p.43). Sobre as publicações e leituras libertárias do período no Ceará, ver GONÇALVES, 2003: pp.59-72.

15 Fortaleza Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Comercial (Edição fac-similar). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

16 Teodoro Cabral (Políbio) In Gazeta de Notícias, 11/12/1927 (apud MONTENEGRO, 1952: p.69). Cabral lista entre os frequentadores do Cenáculo: Soriano Albuquerque, Antônio Augusto de Vasconcelos, Fiuza de Pontes, Alfredo de Miranda Castro, Manuel Augusto de Oliveira, Carlos Vasconcelos, desembargadores João Firmino, Domingues Carneiro. Negrito do autor.

17 Teodoro Cabral (Políbio) In Gazeta de Notícias, 11/12/1927 (apud MONTENEGRO, 1952: p.69).

18 Joaquim Pimenta foi escritor cearense nascido em Tauá em 13 de janeiro de 1888. cursou a Faculdade de Direito do Ceará, foi promotor público no Recife entre outros cargos. Em 1932 mudou-se para o Rio de Janeiro, ensinando na Faculdade Nacional de Direito. (NOBRE, 1996).

posso, consegui mais outros alunos em casas de família, e um convite de Frei Mansueto para ensinar a falar português a dois jovens franciscanos recém-vindos da Itália (PIMENTA, 2009: 126).

Antes de fazer sua publicação, Araújo era um leitor de Almanques. O livreiro consultava outros títulos e conhecia os recursos desse gênero editorial quase tão bem quanto conhecia leitores e escritores cearenses. Assim mostra episódio da memória de José Luiz de Castro¹⁹, redator do jornal *A República*, ex-ajudante de guarda-livros na Livraria Oliveira no fim do século XIX. Ao comentar a leitura do livro “*Notas de Viagem ao Norte do Ceará*”, de Antônio Bezerra, Castro traz à lembrança a imagem de Araújo segurando um Almanaque:

Chegando um dia na “Livraria “Araújo”, que frequentava assiduamente, encontrei o proprietário com um livrinho na mão.

Sorridente, o Araújo explicou-me:

- Aquele Antônio Bezerra é extraordinário: nas “Notas de Viagem” ele diz: “A lua na sua segunda quadratura, assomou com pouco do seio das ondas”, etc. Pois olhe aqui. E indicava-me com o dedo certa parte da folhinha “de Laemmert”, do ano de 1884, que ele havia arranjado não sei onde, para ver até que ponto ia a exatidão do autor quanto à fase da lua, de fato confirmada pelo velho almanaque. (CASTRO, 1941: 50).

Araújo recorreu ao “velho almanaque” para comprovar a exatidão das notas de viagem de Antônio Bezerra. Procurou uma edição antiga, feita para anos antes, que informa a quadratura da lua em certo momento de 1884. A passagem reforça um aspecto na história dos Almanques: o colecionismo. Como outros leitores, guardava e recorria a edições anteriores, que mostravam ser de utilidade mesmo após o fim do ano a que se destinam, quer seja pelo calendário, pelas informações sobre outros tempos, pelas

19 José Luiz de Castro nasceu em Fortaleza em 1880. Estudou no Liceu do Ceará (1894-1895), abandonando os estudos para se empregar no comércio como ajudante de guarda-livros da casa Joaquim José de Oliveira & Cia, a Livraria Oliveira. Como estudante colaborou no jornal *Charuto* (1895), no *Belecho*, jornal em que os redatores eram também os compositores e impressores, entre outros jornais. Em 1910 era redator do jornal *A República*, órgão do Partido Republicano Conservador no Ceará. (STUDART, 1910: p.146).

lembranças que guardam e despertam. De resto, a prática da encadernação das publicações, revistas e gazetas demonstram o grau de perenidade da informação e a distinção do impresso como objeto para a estante, o gabinete literário, a biblioteca e a sala de leitura.

A proximidade da Livraria Araújo com os intelectuais e os espaços de instrução cearense reflete-se no tipo de prêmio que o *Almanach dos Municípios* oferece aos colaboradores. Não eram livros, dicionários de charadas ou a edição do impresso para o ano seguinte, premiações comuns de Almanques. Neste caso, o autor do desenho escolhido para a capa seguinte da publicação levaria para casa um “belíssimo quadro” com o corpo docente da Faculdade de Direito. Para quem não fizesse parte desse ambiente de letrados, poderia ser considerado um prêmio estranho:

Aceitamos propostas para o desenho da capa do “Almanach dos Municípios para 1909”. Ao autor do desenho escolhido oferecemos um belíssimo quadro para sala com 80 centímetros representando o corpo docente da Faculdade Livre de Direito do Ceará²⁰

São bacharéis, professores, estudantes, escritores que frequentavam as rodas de conversa da Livraria, alguns autores de livros editados ou vendidos por Araújo, nomes os mesmos vistos em colaborações pelo Almanaque. Um deles é o professor da Faculdade de Direito, Soriano Albuquerque, “o primeiro a chegar” para as discussões do Cenáculo²¹. Assim também o poeta Juvenal Galeno²², que colaborou no Almanaque com o poema “Vaquejada ao luar”, versos que narram, de forma não usual, a tradicional festa do sertão cearense, a vaquejada, sob o ponto de vista dos animais:

20 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.,p.307. Na edição consultada, a encadernação não permite conhecer a capa original daquele ano.

21 Vários opúsculos de Soriano eram editados por Araújo, bem como a revista *A Juridicidade*. (MONTENEGRO, 1952: 70).

22 Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931) nasceu em Fortaleza. Em 1856, publica seu livro de estreia, *Prelúdios Poéticos*. Estão entre as principais obras: *Lendas e Canções Populares* (1865), *Scenas Populares* (1871). Foi diretor da Biblioteca Pública do Ceará, sócio honorário do Instituto do Ceará e um assíduo colaborador de Almanques, recebendo ainda em vida perfil biográfico: “Juvenal Galeno da Costa e Silva” In *Almanach Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1898*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898, p.185-186.

Talvez diga o triste gado,
Mugindo, ou mesmo calado,
A quem o conduz: - Cobarde,
Não faça tamanho alarde;
Que me encontraste enlaçado,
Nos laços do coração. -
Ai! de certo, em taes momentos,
“Na luta dos sentimentos,
“Ninguém escapa á traição!...”²³

O Almanaque traz os versos e, páginas depois, oferece o livro de Juvenal Galeno *Lendas e Canções Populares (1859-1865)*, disponível no catálogo da Livraria Araújo. Com informações sobre a nova edição, aumentada e precedida de juízos críticos, o livreiro busca despertar o interesse do leitor. Nomeia os escritores de prestígio no Brasil e em Portugal que comentam o livro do poeta cearense: Machado de Assis, Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro e Marques Rodrigues²⁴.

Esse livro oferece uma interessante demonstração de como se estrutura o circuito de elaboração, produção, distribuição e vendas de impressos. *Lendas e Canções Populares* foi editado em 1892 por outro livreiro cearense, Gualter Silva. Os originais seguiram do Ceará para impressão em Lisboa, nos prelos da Parceria Antônio Maria Pereira²⁵. Mesma tipografia que mais tarde editou o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará*, em 1908. Almanaque que teve, entre outras funções, a divulgação de livros e autores, como o fez com *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno. Mostras de um circuito²⁶ onde se cruzam autores, livrarias, editores, tipografias, livros e

23 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op. Cit., p.45-47.

24 Segunda edição aumentada com as novas *Lendas e Canções*, e precedida de Juízos críticos pelo maviioso poeta Juvenal Galeno. 1 vol. Broch. 4\$000. *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op. Cit., p. 329.

25 Segundo Barreira, *As Lendas e canções populares* tiveram uma segunda edição, em 1892, da tipografia da Casa Editora Antônio Maria Pereira, de Lisboa, edição que foi aumentada com *As Novas Lendas e Canções* e precedida dos juízos críticos de Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis (BARREIRA, 1986: 78). O Barão de Studart acrescenta que essa reedição teve 622 páginas, com três mil exemplares. O editor era o livreiro Gualter R. Silva, instalado em Fortaleza. (STUDART, 1910: 234).

26 Robert Darnton aborda a produção das ideias como circuito de comunicação “que vai do autor ao

Almanaques, num trânsito entre cidades e continentes.

Parcerias de além-mar

A prática de imprimir livros no Exterior, como o *Almanach dos Municípios* ou *Lendas e Canções Populares*, não era fora do comum no Brasil²⁷. Os altos impostos sobre o papel (importado em maioria) são desvantagens iniciais por que passavam os impressores brasileiros²⁸, mas não as únicas. No período compreendido entre 1890 e 1910, a situação ficaria ainda pior com as manipulações do câmbio para favorecer os interesses dos importadores de café (HALLEWELL, 2005: 203). Somados a esses entraves, a presença de livreiros estrangeiros no Brasil favorecia o contato com casas editoras e tipografias europeias, com tradição no ramo de impressos: Garnier, Laemmert, Garraux, o português Francisco Alves.

Mesmo com essa recorrência, a Parceria Antônio Maria Pereira, responsável pela impressão do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, constituiu-se um caso especial. Tanto pela ampla experiência que acumulou em publicações destinadas ao Brasil, quanto pela intimidade que possuía com o gênero Almanaque no início do século XX. A dimensão da Parceria na vida literária e editorial portuguesa e as relações estabelecidas com o público brasileiro podem ser vistas ao longo da trajetória da casa e suas gerações de livreiros-editores.

A história começa em 1847, quando um desconhecido ex-caixeiro, Antônio Maria Pereira, aos 23 anos, inaugurou um estabelecimento para venda e encadernação de livros, “com muito ânimo e nenhum dinheiro”, segundo a crônica do escritor Júlio

editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor”. O leitor encerra o circuito por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da composição. (DARNTON, 1995: 112).

27 Nelson Werneck Sodré aborda a questão: “As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha. Essa norma entrou pelo século XX a dentro. A impressão de livros aqui era exceção, não regra; assim acontecendo mesmo com os didáticos: a casa Alves, monopolizadora do livro escolar, mandava fazer no exterior o grosso da sua produção”. (SODRÉ, 1966: 278).

28 Hallewell aponta que os livreiros tinham que pagar taxas mais elevadas pelo papel do que pelos livros importados, numa proporção de 160\$ por quilo de papel contra 100\$ por quilo de livro. Segundo dados do autor, essa tarifa preferencial foi sendo aplicada em determinados períodos (1819-1836, 1844-1860, 1912-1929 e 1951-1957), ressalvando que a situação em outras épocas é obscurecida pelo tratamento que o papel para livros recebia nas alfândegas, submetido a critérios pessoais dos funcionários para reduzir ou elevar o valor. (HALLEWELL, 2005: 203).

César Machado (MACHADO, 1878: 192). Como ajudante, tinha um aprendiz de 13 anos, à maneira da prática tradicional dos ofícios. Mesmo “sem ter dinheiro, nem fazenda, nem proteção”, Pereira abriu as portas da loja que, de livraria, só tinha o nome escrito na tabuleta: não havia livros. Para preencher as estantes vazias, começou vendendo quadros de pintores amigos considerados por eles sem valor, além dos jornais *Revolução de Setembro* e *Rabecão*.

“Por dentro era um bazar, um museu, um atelier de pintura, tudo, menos uma loja de livros!”, descreveu Júlio César, contemporâneo e amigo de António Maria Pereira. Aos poucos, com a surpreendente venda dos quadros, a livraria sem livros foi se tornando livraria de fato. À medida que conseguia recursos, Pereira foi substituindo as pinturas nas prateleiras por impressos: “compram-se livros, jornais, revistas, almanaques e iniciam-se as edições”²⁹.

A atual herdeira, Antónia Maria Pereira, bisneta do fundador, foi quem ofereceu informações sobre a atividade editorial da Parceria, guardiã dos Catálogos e anúncios da livraria publicados no jornal *Revolução de Setembro*³⁰. Revela um amplo e diversificado número de livros, “na tentativa de captar leitores com os mais variados interesses”, entre muitas traduções e adaptações do francês, mas também arriscando no lançamento de novos escritores portugueses³¹.

A atividade editorial ganhou força com textos inéditos dos autores de sucesso em Portugal. Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz passam a fazer parte do acervo do livreiro, interessado em oferecer obras abrangentes para vários tipos de público. No Catálogo de 1860/1861, com trinta

29 Júlio Machado conta que nesses primeiros tempos de livraria, mas também alfarrabista e papelaria, António Maria Pereira favorecia o esquema de trocas em vez de pagamento em dinheiro. Ele mesmo um beneficiado quando estudante: “Faz-lhe conta trocar esse Tito Livio, este Mauperrin, este Virgílio, e mais este Horácio, por um Atlas, Sr. Pereira?”, diz sobre episódio da sua memória. (MACHADO, 1878: 197).

30 Os documentos são analisados no livro Parceria A.M.Pereira - Crônica de uma dinastia livreira, lançado em comemoração aos 150 anos da mais antiga casa editora de Portugal. (PEREIRA, 1998).

31 A atividade editorial começa pouco tempo depois da abertura da loja, e tem como primeiras obras: *O Mestre de Calatrava*, de Ayres Pinto de Sousa de Mendonça e Menezes; *Um Livrinho para o Povo*, tradução portuguesa de *Três Diálogos Políticos*, de Timon; *Que é o comunismo*, de Guarin de Vitry. Entre os livros traduzidos do francês, estão títulos destinados ao ensino público, obras de literatura clássica, dramalhões e romances históricos, versos, peças de teatro, de ópera e de bailado, textos doutrinários e de oratória, sermões, outros de temática variada: “Receitas fáceis e seguras para destruir percevejos...”. Entre os novos autores, lançou Júlio César Machado e Júlio de Castilho. (PEREIRA, 1998: 21-22).

páginas, oferece em português os apreciados escritores franceses: Alexandre Dumas, pai e filho, Paulo de Kock, Lamartine; enredos de óperas, textos doutrinários, como a *Biblioteca do Socialismo*; traduções de clássicos, como Horácio; poesias nacionais e estrangeiras; livros sobre agricultura, saúde pública; de ensino, com temas históricos; manuais de ofícios, de religião. E muitos almanaques: *Almanak do Cultivador*, *Almanak Democrático*, *Almanak das Petas*.

Antônio Maria Pereira “está atento às modas literárias”, buscando autores “que gozam de preferência generalizada entre o público leitor” não apenas em Portugal. Nos intercâmbios com outros países, volta-se especialmente ao Brasil. É para onde viaja e forma redes de contatos, tornando-se sócio de gabinetes de leitura e grêmios literários no Rio de Janeiro, Maranhão, Bahia, Pernambuco³², principalmente a partir dos portugueses instalados nas províncias (PEREIRA, 1998: 30).

O intercâmbio é ampliado pelo seu filho e sucessor, o segundo Antônio Maria Pereira, que assume os negócios na década de 1880. Por aquele tempo, a Parceria Antônio Maria Pereira já era uma das principais livrarias e casa editora de Portugal, com um catálogo de mais de setecentas edições – tamanho surpreendente para a época. O endereço comercial demonstra o crescimento dos negócios: a mesma rua Augusta, mas agora nos números 44, 46, 48, 1º e 2º andares³³.

É significativo perceber que o segundo Antônio Maria Pereira teve especial interesse em Almanques. Ele próprio um leitor, que se iniciou na escrita aos 14 anos em colaborações no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e, mais tarde também, no *Almanach das Senhoras*. Mas certamente é o *Almanach Enciclopédico*, em edições para 1896 e 1897, a publicação que mais traduz o interesse e preferência da casa para o gênero³⁴. Foi uma encomenda de Antônio Maria Pereira para Eça de Queiroz, que marcou o envolvimento do escritor com a publicação de Almanques³⁵.

32 Antônio Maria Pereira (1824-1880), o pai, foi sócio honorário do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, sócio do Grêmio Português de Leitura do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco.

33 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1885. Acervo próprio.

34 *Almanach Enciclopédico para 1896*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895.

35 Durante férias em Lisboa no ano de 1895, o então cônsul de Portugal em Paris, Eça de Queiroz, foi contratado pelo editor Antônio Maria Pereira para a organização de um Almanaque Enciclopédico “aceite exclusivamente pela necessidade constante em que o romancista se encontrava de aumentar proventos que compensassem a estreiteza do seu vencimento consular”. (GUIMARÃES, 2003: p.03). Os motivos importam menos que os resultados. Fruto dessa colaboração foi o texto *Almanques*,

Esses títulos, com grande circulação no Brasil, estão entre os muitos Almanques que passaram a ser editados ou impressos pela Parceria³⁶. As publicações eram do gosto do editor, tinham boa procura dos leitores e dinamizavam a circulação dos outros impressos da livraria, com promoções e incentivos. Para quem comprasse um livro a partir de 1\$, o *Suplemento do Almanach de Lembranças* saíria de graça³⁷.

Mesmo após a morte precoce do segundo António Maria Pereira³⁸, os sucessores continuaram a publicação dos Almanques, mantendo as mesmas características editoriais³⁹. A boa fama no ramo e o sucesso na recepção dos títulos que circulavam favoreceram as novas encomendas, como a do livreiro Araújo, de Fortaleza, e o seu *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*.

Além da impressão, a Parceria se encarregava de outros serviços, como a administração de assinaturas e a distribuição dos exemplares. Assim fez com a edição brasileira do *Almanach das Senhoras*, desde 1892 ao último ano de circulação, 1927. O interessado no exemplar deveria pagar antecipadamente \$200, mais taxas postais, para que fosse enviado à sua residência⁴⁰, no Brasil ou, em menor número, nas possessões portuguesas na África.

É importante perceber o quanto a relação com os leitores, editores e livreiros brasileiros foi fundamental para a prosperidade da Parceria. O Brasil era considerado a

escrito por Eça para a edição de 1896, e a peça *Adão e Eva no Paraíso*, na edição para 1897.

36 Em 1900, A Parceria António Maria Pereira lança um almanaque próprio, o *Almanach Ilustrado da Parceria António Maria Pereira*. Lisboa, 1900. Também foi responsável pela edição de *O Almanach das Crianças*, dirigido por Margarida Sequeira, e impressão do *Lunário Perpétuo: prognóstico geral e particular para todos os reinos e províncias*, de Jerónimo Cortez. (GALVÃO, 2002: 432).

37 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1885. A partir da década de 1880, o Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro deixa de ser editado pela Lallemand Frères Typ. Lisboa e passa a trazer na contracapa a livraria de António Maria Pereira como editora, como pode ser visto nas edições consultadas de 1886, 1889, 1892, 1893, 1896, 1903, 1904, 1905 e 1930.

38 O segundo António Maria Pereira (1856-1898) faleceu precocemente aos 42 anos, quando seu filho tinha apenas três anos. De 1898 a 1920, a empresa ficou a cargo do funcionário Henrique Monteiro, que deu continuidade à política editorial em curso. O terceiro António Maria Pereira (1895-1972) assume a gestão da livraria na década de 1920. Em destaque, o primeiro exemplar de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, em 1934, único livro em língua portuguesa que o autor viu publicado em vida. (PEREIRA, 1998: p.170).

39 Até a última edição, em 1934, o *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* é co-editado pela Parceria, que mantém as mesmas características editoriais e de impressão. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1930*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1929.

40 Outra opção seria procurar os “correspondentes” locais que eram listados no expediente com seus respectivos endereços – e eram todos homens. (GOMES, 2002: 58).

árvore das patacas, para onde os Antónios Maria Pereira exportavam maciçamente⁴¹. E não eram os únicos. Havia um interesse geral no mundo editorial português pelo mercado brasileiro, lugar certo de recepção de autores e escritos lusos.

As novelas, romances, comédias e dramalhões eram oferecidos no idioma natal, com sabor conhecido pela gente que lia. Mesmo que os autores viessem da França, muitas das edições eram traduzidas para o português. A característica se mantém ao longo do processo de formação de um público leitor no Ceará, mostrando que as influências francesas vinham frequentemente via Portugal.

Como leitor, livreiro e editor, Araújo conhecia as qualidades do Almanaque para a promoção de outros impressos. Tanto que reserva largo espaço – as últimas trinta e uma páginas – do seu *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará* para a divulgação do *Extrato do Catálogo da Livraria*. Ao todo, Extrato mostra 329 títulos diferentes, conjunto que chama atenção em número, pela forma como é apresentado, critérios de seleção e públicos envolvidos.

O *Extrato do Catálogo* é fonte que materializa a realização de um circuito de leitura articulado por um Almanaque. Isto é: um livreiro e editor de referência na cidade selecionou os títulos que pudessem ser do maior interesse e as novidades disponíveis na sua livraria. Elaborou um catálogo próprio para veiculação em Almanaque, que seguiu para impressão em uma tipografia de Portugal com tradição no gênero. Retornando ao Brasil como publicação, foi distribuído pelos municípios do Ceará. Nesse trajeto, o Almanaque chama os leitores ao contato com a livraria, desde a possibilidade de colaboração nas próximas edições, à aquisição de livros oferecidos no Catálogo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. 1º tomo. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1986, p.78.

CASTRO, José Luiz de. Antônio Bezerra (A propósito de um folheto do Instituto). In *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LV, ano LV, Fortaleza: Tip. Minerva, 1941, p.47-54.

41 Entre os fatores para o declínio da Parceria a partir da década de 1940, Antónia Maria aponta a queda do número de exportações para o Brasil na década de 1940, tanto pelos reflexos da Primeira Guerra Mundial, quanto por já haver um mercado editorial estruturado no País. (PEREIRA, 1998: 132).

- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GOMES, Ana Cláudia. O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2002.
- GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê? In Revista de Ciências Sociais – Trabalho, Trabalhadores e Dinâmicas Institucionais. Vol. 34, nº 1, 2003, pp.59-72.
- GUIMARÃES, Ana Paula. *Almanaque: O livro? Eça, Platão, Mallamé e Borges*. Lisboa: Apenas Livros, 2003.
- HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua história. (Tradução Maria da Penha Vilalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza). 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da USP, 2005.
- LISBOA, João Luís. Almanques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- MACHADO, Júlio César. Apontamentos de um Folhetinista. Porto: Typ. da companhia Literária – Editora, 1878.
- MONTENEGRO, Abelardo F. Soriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil. Tip. Royal, 1952.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. História das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1996, p.43.
- NOBRE, F. Silva. *1001 Cearenses notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.
- PEREIRA, Antónia Maria. *Parceria A. M. Pereira – Crônica de Uma Dinastia Livreira*. Lisboa: Pandora Edições, 1998.
- PIMENTA, Joaquim. Retalhos do Passado. (Tauá-Fortaleza) – edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- STUDART, Barão. Diccionário Bio-Bibliográfico Cearense. Volume I. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910.